

Referência: QUEIROZ, Andrezza A.; GONDIM, E. M.; FERNANDES, Jessica O.; Escrita e interação. In: ARAÚJO, Nukácia M. S.; MARTINS, Cínthya S. **Revisão textual: o que é, como se faz.** Fortaleza: UECE, no prelo.

Aula 1 – ESCRITA E INTERAÇÃO

Andrezza Alves Queiroz (UECE)

Emanuela Monteiro Gondim (UECE)

Jessica Oliveira Fernandes (UECE)

Apresentação do curso

Caro(a) aluno(a),

Estamos iniciando a primeira etapa do curso *Formação de revisores*. A finalidade desse curso é capacitá-lo (a) para a tarefa de revisão não apenas dos aspectos formais do texto, mas também de aspectos textuais. Como você já sabe, este curso será dividido em duas etapas. A etapa que iniciamos agora tem como objetivo introduzir os conceitos teóricos que orientam a revisão textual. A segunda etapa, ofertada apenas aos alunos aprovados nesta fase inicial, será mais voltada à prática da tarefa de revisão.

Apresentação da Aula

Nosso estudo começa com a noção de escrita. Nesta aula, inicialmente, você conhecerá as duas principais abordagens conceituais dessa tecnologia: **escrita como produto** e **escrita como processo**. Após essa base conceitual, seguindo a visão de escrita

como processo, aprenderemos quais são as etapas do processo de escrita. Finalmente, estudaremos a interação entre escritor e leitor.

É muito importante atentar para esta introdução de conceitos, já que eles poderão auxiliá-lo tanto na percepção do papel do revisor profissional quanto à realização de sua tarefa.

1. Escrita e interação

A aula 1 nos mostra três concepções de escrita: a tradicional/positivista, a cognitivista e a sociointeracionista. Nesta última, a interação é tida como foco principal da tarefa de escrita. Dessa maneira, para que o objetivo do texto seja atingido, a escrita deve ser pensada e executada levando em consideração o outro, o interlocutor. Vamos conhecer mais?

1.1 A escrita como produto: uma visão tradicional

Objetivos:

Conhecer a escrita como produto em oposição à escrita como processo.

Entender o papel do revisor dentro de cada visão conceitual de escrita.

Nesta seção, apresentamos a visão de escrita como produto e contrapomos essa abordagem à visão de escrita como processo. Enquanto a primeira é representada por uma vertente teórico-metodológica positivista, a segunda é representada por uma vertente cognitivista. Além disso, trataremos da vertente mais atual desse processo e que complementa os estudos dos cognitivistas, a sociointeracionista.

Segundo Koch (2009), na visão tradicional de escrita entende-se a linguagem como um sistema pronto e acabado. Para Serafini (1998), nessa abordagem considera-se a escrita como um dom, uma capacidade de “escrever bem”, que seria inerente a algumas pessoas apenas. Sendo assim, para escrever seu texto, o escritor – que teria de antemão o dom de escrever –, deveria apenas se apropriar do sistema linguístico e de suas regras e codificar a mensagem que desejasse transmitir. Sob essa perspectiva, o texto é visto somente “como **simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado**” (KOCH, 2009, p. 33).

No que concerne ao revisor, podemos dizer que, de acordo com a visão de escrita como produto, caber-lhe-ia muito mais a correção dos aspectos formais do texto que a revisão de seus aspectos textuais.

A abordagem de escrita como processo, por seu turno, foi iniciada a partir dos estudos cognitivistas, que se propuseram a definir as etapas percorridas pelo escritor durante a produção do seu texto. Além disso, buscava-se também entender os mecanismos mentais ativados pelo escritor ao percorrer tais etapas. Nessa vertente passaram-se a considerar, além dos elementos puramente linguísticos, outras variáveis importantes para a elaboração do texto, como, por exemplo, a **motivação, a definição de um objetivo para a escrita, a delimitação do tema e o conhecimento da audiência a que se destina o texto.** Conforme Garcez (1998, p. 29), “o que representa a grande evolução nesse âmbito de reflexões é a constatação de **recursividade**, isto é, a compreensão de que a revisão ocorre em qualquer etapa do processo”.

Como vimos, os cognitivistas consideram a variável audiência um fator constituinte do processo de escrita. Todavia, essa variável não era um fator central.

A vertente sociointeracionista, por sua vez, embasada na teoria bakhtiniana da interação social pela linguagem, entende a escrita como uma ação social, por isso o público-alvo a quem o texto se destina é um fator essencial para a produção de um texto. Desse modo, muitas atividades estariam embutidas no ato de escrever, quais seriam:

uma **atividade interativa**, em que alguém escreve para outro alguém; uma **atividade de produção e socialização de conhecimentos**, em que alguém transmite um determinado saber a outro alguém; uma **atividade ideológica**, em que se encontra refletida a visão de quem escreve, carregada da visão do *outro* a quem esse escritor remete sua escrita; e uma **atividade contextualizada**, em que a compreensão do fenômeno sociointerativo do processo de escrita somente seria possível mediante o contexto específico em que a atividade ocorreu (MARTINS, 2009, p. 18).

É importante percebermos que os estudos da sociointeração não se opõem aos estudos da cognição. Na verdade, as pesquisas sociointerativas vieram complementar as pesquisas cognitivistas. Enquanto estas foram realizadas em laboratório, a fim de que se entendessem os processos de escrita, aquelas foram realizadas em sala de aula, com o intuito de investigar o aspecto sociointerativo da escrita.

O tipo de abordagem de escrita tem influência direta no que se espera que seja o papel do revisor. De acordo com as vertentes cognitivista e sociointeracionista, durante a revisão devem ser levados em conta tantos aspectos linguísticos, como extralinguísticos do texto. Noutras palavras, o revisor não pode simplesmente corrigir, por exemplo, os problemas gramaticais do texto, mas também deve avaliar sua adequação e verificar se seus objetivos foram realmente alcançados, tendo sempre em mente a audiência a que o texto se destina.

Nessa seção, conhecemos a visão de escrita como produto, e estabelecemos uma relação de oposição entre essa perspectiva e as

duas visões de escrita mais atuais, a cognitivista e a sociointeracionista. Nos próximos tópicos, entenderemos melhor a abordagem cognitivista, conhecendo as etapas do processo de escrita, e a abordagem sociointeracionista, compreendendo como se dá a interação entre escritor e audiência.

1.2. As etapas do processo de escrita

Objetivo:

Conhecer as etapas do processo de escrita.

Como vimos na seção anterior, a escrita pode ser entendida como um produto (vertente positivista) ou como um processo (vertente cognitivista), em que a audiência é o fator central (vertente sociointeracionista).

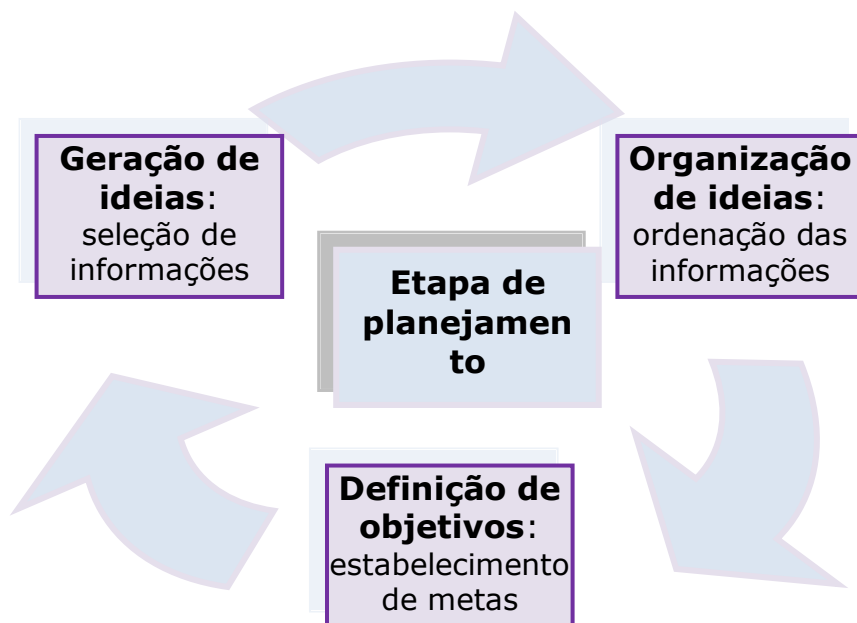
A compreensão de escrita como processo pode ser ampliada, quando passamos a conhecer as etapas envolvidas na atividade de produção textual. Nesta seção, vamos, então, apresentar as etapas envolvidas na tarefa de produzir textos, conforme descritas nos modelos cognitivistas de processamento de escritura desenvolvidos a partir de experimentos de escrita realizados em laboratório.

Nos modelos cognitivos de processamento de escrita são identificadas e descritas três etapas interligadas, lineares e recursivas básicas, quais sejam: **planejamento, execução e revisão**. Essas etapas compõem o processo de produção textual e podem, ainda, servir, no contexto educacional, como norteadoras para o desenvolvimento e posterior aprimoramento da competência em escrita.

1.2.1. Etapa de planejamento (geração, planejamento e organização de ideias)

A etapa de *planejamento* corresponde aos momentos em que o escritor está planejando seu texto, ou seja, à fase em que se está elaborando um plano de escrita.

No modelo cognitivo de processamento de escrita proposto por Hayes & Flower (1980), a *etapa de planejamento* apresenta-se subdividida em três subprocessos, como podemos visualizar a seguir:



Fluxograma 1 - Subprocessos da etapa de planejamento, conforme modelo de Hayes & Flower (1980)

O subprocesso **geração de ideias** diz respeito, então, à seleção de informações com as quais o escritor irá elaborar seu texto. Conseqüentemente, o segundo subprocesso, **organização de ideias**, traz a ordenação de todos os dados selecionados pelo autor em um plano de escrita. Feito isso, dá-se a **definição de objetivos**, que diz respeito ao que deve ser alcançado pelo escritor para atingir o leitor.

Em suma, nesse modelo, **a etapa de planejamento corresponde ao momento em que o escritor realiza, recursiva e interativamente, um conjunto de operações** relacionadas à:

- 1)** busca, seleção e organização dos conhecimentos necessários à produção do texto;

- 2) análise da conformidade ou não desses conhecimentos à situação de interação a ser efetivada e aos objetivos a serem alcançados;
- 3) elaboração de um **plano de escrita** capaz de associar os resultados das operações 1 e 2 e estruturá-los em um texto.

Além de Hayes & Flower (1980), outros pesquisadores desenvolveram modelos com sugestões de técnicas que poderiam ser executadas pelo escritor-aprendiz, a fim de aprimorar sua habilidade de escrita. Vejamos, então, no quadro abaixo, que procedimentos têm sido apontados, em outros modelos cognitivos de escrita, como operações a serem processadas durante a etapa de planejamento do texto.

ETAPA DE PLANEJAMENTO	
COLLINS & GENTNER (1980)	<p>1) Produção de ideias</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Apreensão de ideias b) Manipulação de ideias
WHITE & ARNDT (1995)	<p>1) Geração de ideias</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Levantamento de ideias b) Formulação de questões c) Registro de notas d) Observação de produções não-verbais e) Uso de interpretação e simulação <p>2) Focalização</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Seleção das ideias centrais b) Consideração do propósito c) Consideração da audiência d) Consideração da forma textual <p>3) Estruturação</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Ordenação das informações b) Experimento de arranjos textuais c) Observação da relação entre ideia principal e estruturação textual

SERAFINI (1998)

1) Plano

- a) Distribuição do tempo
- b) Identificação das características do texto

2) Produção de ideias

- a) Seleção das informações
- b) Organização das informações
- c) Elaboração de um roteiro de escrita

Como vemos, os modelos de processamento de escrita chamam atenção para a geração de ideias durante a etapa de planejamento.

No modelo de Collins & Gentner (1980), o subprocesso de geração de ideias é ainda mais destacado. Na visão dos autores, durante a etapa de planejamento, apenas se devem produzir ideias, dispensando-se preocupações com operações relacionadas à tessitura textual propriamente dita. Assim, os autores optaram por não incluir outros subprocessos durante a etapa de planejamento, uma vez que isso poderia dificultar o processamento dessa etapa.

No modelo de White & Arndt (1995), vemos que os autores apontam alguns instrumentos que poderiam ser utilizados para estimular a produção de ideias, como, por exemplo, a formulação de questões, o registro de notas, a observação de produções não-Verbais, dentre outros.

Já no modelo de escrita proposto por Serafini (1998), vemos que a autora destaca a importância de se realizar, antes do subprocesso de geração de ideias, a elaboração de um plano de atividade. Na elaboração desse plano, o escritor precisaria atentar para o tempo que lhe é disponibilizado para a produção escrita e atentar também para as características do texto a ser produzido.

Serafini (1998) pontua que “distribuir o tempo é indispensável para escrever a redação no prazo que se tem” (1998, p.23), e que conhecer previamente as características do texto “permite-nos enfrentar melhor a tarefa e evita a necessidade de corrigir o texto num segundo momento” (1998, p.23).

Agora que já conhecemos os subprocessos que podem ser ativados enquanto se planeja um texto, passaremos então a conhecer que subprocessos são apontados, nos modelos de escrita, como operações a serem efetuadas durante a etapa de execução.

1.2.2. Etapa de Execução

A etapa de execução corresponde ao momento em que o escritor construirá a primeira versão de seu texto. Nessa etapa, ocorre o início da tessitura textual, em que as ideias geradas na etapa de planejamento serão articuladas para formar um texto.

De acordo com Hayes & Flower (1980), **durante a execução do texto, os conteúdos que recheiam as ideias postas no plano de escrita (elaborado na etapa de planejamento) aparecem em forma de proposições, em que os conceitos ligam-se por meio de relações que lhes são estabelecidas**, como, por exemplo: [conceito A ← relação de causa → conceito B].

Dessa maneira, de posse das proposições, o escritor passa a elaborar orações que representam a relação entre os referidos conceitos. Nessa etapa, as proposições provenientes de processos cognitivos do escritor apareceriam em linguagem escrita conectadas durante a construção de orações.

Contudo, na etapa de execução, a atividade de escrita ainda não se concentra rigorosamente em aspectos formais ou textuais da produção escrita, uma vez que preocupar-se, nesse momento da escrita, com tais aspectos poderia dificultar ou bloquear o livre fluxo de pensamento.

Dada a recursividade do processo de escrita, subprocessos da etapa de planejamento, como, por exemplo, geração e organização

de ideias, tendem a ser reativados durante a etapa de execução. Nessa etapa, o texto ainda se encontra, então, na condição de texto em progresso, distante, pois, de uma versão final.

Para Hayes & Flower (1980), a etapa de execução constitui a **materialização dos conteúdos mentais abstratos**, realizada através da construção de relações interligadas e coerentes. **Essa etapa consiste, portanto, nas tentativas de entrelaçamento de ideias e de sua adequada disposição para garantia da construção textual de sentidos.**

Em uma abordagem mais voltada para o escritor inexperiente e/ou para situações de ensino da escrita, Collins & Gentner (1980), White & Arndt (1995) e Serafini (1998), ao tratarem da etapa de execução, apresentam vários aspectos a serem considerados durante essa etapa, como podemos visualizar no quadro a seguir:

ETAPA DE EXECUÇÃO	
COLLINS & GENTNER (1980)	1) Produção do texto <ul style="list-style-type: none">a) Objetivo da escrita: produção de texto atraente, compreensível, inesquecível e/ou persuasivo;b) Dispositivos para construção do objetivo da escrita: estruturação, estilo, e conteúdo do texto.
WHITE & ARNDT (1995)	1) Construção de texto-rascunho <ul style="list-style-type: none">a) Construção de esboço;b) Construção de versão inicial, inserção de ideias e apresentação de versão final. 2) Avaliação <ul style="list-style-type: none">a) Avaliação do texto-rascunho;b) Levantamento de questões;c) Contraposição entre o propósito do texto e os sentidos construídos no texto-rascunho.

SERAFINI (1998)

1) Produção do texto

- a) Método de elaboração de parágrafos;
- b) Formas de introdução e de conclusão do texto;
- c) Uso de conectivos e recursos dêiticos;
- d) Uso adequado de pontuação.

Como podemos ver, as operações ativadas durante a etapa de execução concorrem para a construção propriamente dita do texto.

Para White & Arndt (1995), alguns procedimentos podem auxiliar escritores inexperientes a desenvolver a etapa de execução. O procedimento essencial, segundo os autores, é efetuar a transição de visão de escritor do texto para leitor do escrito, isto é, deve-se considerar, nessa etapa, a opinião da audiência, uma vez que o texto produzido transitará entre as duas vias – escritor e leitor.

Como resultado da etapa de execução, tem-se, portanto, a apresentação de uma versão inicial de texto, elaborada a partir da efetivação de subprocessos de correlação entre proposições e de construção de texto em progresso. Esse texto em construção caminha para uma versão final ao passar por mais uma etapa do processo de escrita: a etapa de revisão, de que trataremos na próxima seção.

1.2.3. Etapa de Revisão

Antes de iniciar nosso estudo sobre a etapa de *revisão*, vamos refletir sobre a seguinte questão:

Se distintos revisores fizessem a revisão de um mesmo texto em progresso, as versões revisadas seriam idênticas ou não?

E, então, o que você pensa a esse respeito? Vamos observar as palavras ditas por Hayes et al. (1987, p.223) após um experimento de escrita voltado para a etapa de revisão:

os escritores variam amplamente nos problemas que eles escolhem resolver, nas estratégias que eles usam para resolvê-los e na qualidade das soluções que eles criam.

Ao afirmarem que os escritores adotam vários e distintos procedimentos durante a revisão de textos em progresso, Hayes et al. (1987) referiam-se à **impossibilidade de se homogeneizar comportamentos**, quando o assunto em pauta responde à pergunta: como proceder a revisão de um texto?

Isso ocorre porque as estratégias de leitura selecionadas por cada escritor-revisor são distintas, bem como são diferentes os problemas detectados em um texto em progresso. As próprias estratégias de revisão são distintas de revisor a revisor. Até mesmo o conceito que cada um constrói sobre o que seria revisar um texto pode ser divergente.

A partir dessas reflexões, vamos tratar aqui da definição da tarefa do revisor, da atividade de leitura realizada na etapa de revisão, das estratégias que podem ser adotadas durante a revisão de texto, e das operações linguísticas comumente processadas na tarefa de revisão.

O que é revisão?

Segundo Hayes et al. (1987), o passo primordial na atividade de revisar textos é *definir a tarefa* de revisão. Antes de iniciar a tarefa, o revisor precisa questionar-se sobre o que é revisar, por que e para que deve revisar e, ainda, como precisa proceder para realizar a revisão.

Ter uma definição clara do que representa a tarefa do revisor na construção da versão final de um texto é fundamental, uma vez que "os procedimentos adotados pelo escritor-revisor no momento da revisão respondem ao entendimento que ele tem do que seja realizar a revisão de um texto" (MARTINS, 2009, p. 51).

Se o revisor entende, por exemplo, que revisar é apenas deixar o texto adequado em termos de formatação, de convenções de escrita e de aspectos gramaticais, a revisão por ele realizada tende a ser superficial e a versão final do texto que ele “ajudou” a construir poderá não alcançar o **potencial de textualidade necessário para a construção de sentido desejada pelo autor do texto.**

Daí pode surgir a seguinte pergunta: Então, o que é revisar?

Atualmente, os posicionamentos dos que teorizam sobre a etapa de revisão são convergentes e têm como base a **interação entre autor e leitor.**

Revisar é uma etapa da escrita que visa à diminuição das incongruências geralmente verificadas entre a intenção (do autor) e a execução (do texto) em sua primeira versão e nas versões seguintes, até que se chegue à versão final (MARTINS, 2009, p. 51).

De posse dessas coordenadas, o escritor, experiente ou não, poderá definir que caminho seguirá durante o ato de revisar. Hayes et al. (1987) definem que o percurso se inicia com a realização de uma leitura avaliativa do texto-rascunho, ou seja, uma leitura para *compreender, avaliar e definir* problemas.

Essa leitura traz, assim, a necessidade da troca de papéis entre autor e leitor. Nesse momento, o produtor afastar-se-ia da própria escritura, desenvolveria uma leitura voltada para o seu leitor e, só então, estaria apto para revisar seu texto com profundidade.

Ao estabelecer essas coordenadas e ao realizar uma leitura avaliativa, o escritor-revisor já está, assim, apto para identificar os problemas encontrados no momento da revisão. De acordo com Hayes et al. (1987), esses problemas poderiam aparecer de duas maneiras na mente do escritor: a) como uma *detecção mal definida* ou b) como uma *diagnose bem definida*. Assim, identificar os problemas do texto-rascunho, segundo Bartlett (1982), seria algo satisfatório para o processo de revisão, visto que avaliar esses

problemas auxiliaria o escritor-revisor na seleção e no desenvolvimento de estratégias de revisão do texto.

Para Hayes et al. (1987), quando se define o modo como o problema foi representado, acaba-se gerando a seleção de uma determinada estratégia. Esses autores admitem cinco estratégias para solucionar um problema no texto-rascunho. São elas: *ignorar, adiar, pesquisar, reescrever, revisar.*

Assim, conhecendo os problemas do texto-rascunho, o escritor-revisor poderia direcionar a estratégia selecionada para um ponto específico da escritura ou para uma inadequação nele identificada.

Como ações resultantes da estratégia adotada pelo escritor, apontam-se quatro operações linguísticas que podem ser realizadas durante a tarefa de revisar um texto em construção. São elas: **acréscimo, supressão, substituição, deslocamento.**

Como se vê, a etapa de *revisão* constitui o momento em que o escritor realiza uma leitura avaliativa do texto-rascunho. Essa leitura servirá, então, para definir qual o melhor caminho a ser seguido, identificando-se nela os problemas encontrados durante esse percurso e aplicando-se estratégias para solucioná-los. Tudo isso é feito com a finalidade de produzir uma versão final do texto que favoreça a efetivação de uma interação entre autor e leitor.

Agora que você já conheceu as etapas envolvidas no processo de escrita, vamos caminhar para o último tópico de nossa aula. Nele aprofundaremos nosso estudo acerca dessa interação entre o autor e o leitor.

1.3. O outro no processo da escrita

Objetivos:

Refletir sobre a interação entre interlocutores na tarefa da escrita.

Discutir a importância da relação entre autor e leitor para a concepção de escrita sociointerativa.

Nos tópicos anteriores, você conheceu as três principais visões de escrita – positivista, cognitivista e sociointeracionista –, aprofundando-se mais no estudo da vertente cognitivista, à qual o tópico 1.2 foi inteiramente dedicado. Neste tópico, você vai entender melhor a abordagem sociointeracionista.

É importante considerar que as três perspectivas de escrita se interligam para que a concepção sociocognitivista-interacional tome forma. Vejamos, então, como isso ocorre.

A proposta cognitivista, desenvolvida desde a década de 1980, visa às etapas psicolinguísticas da escrita considera aspectos relacionados ao interlocutor, mesmo sem ter esses aspectos como fator central de seus estudos. A partir do final da década de 1980, a vertente sociointeracionista surge e passa a complementar os estudos cognitivistas, dando ênfase ao fator audiência.

Como podemos notar, as visões cognitivista e sociointeracionista podem ser vistas como indissociáveis. Isso aconteceria porque se consideramos apenas um dos pontos de vista, não damos conta de uma ou de outra das faces da tarefa: o processo e a interação. É necessário, também, não desconsiderar completamente a visão de que se devem também observar os aspectos formais do texto. Assim, podem ser considerados, na concepção mais atual da tarefa de escrita, aspectos cognitivos e interacionais e formais. Subjaz a essa concepção de escrita

uma concepção sociocognitiva-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo de interação – como já dissemos – é o texto cujo sentido 'não está lá', mas é construído, considerando-se, para tanto, as 'sinalizações' textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude 'responsiva ativa'. Em outras palavras, espera-se do leitor, concorde ou

não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que toda compreensão é preche de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz (BAKHTIN, 1992, p. 290).

Apoiados na concepção sociocognitiva-interacional de língua, atualmente, os estudiosos da escrita enfocam o papel do outro na produção textual, ou seja, deixam de mirar somente o ser escritor e passam a considerar, também, a influência que a audiência exerce sobre o produtor do texto.

Sendo assim, os estudos desviam de uma visão restrita da escrita para uma visão mais interativa, mais abrangente, na qual o interlocutor, a situação e outros fatores essenciais direcionam a produção textual. Segundo KOCH (2009, p. 11) "o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não em algo que preexista a essa interação".

Na escrita, é de relevante importância, para que haja uma interpretação textual mais adequada, a consideração do contexto de uso, que difere do contexto de produção. O produtor do texto considera o interlocutor e seu conhecimento de mundo e, por esse motivo, as informações serão "economizadas", ou seja, somente ocorrerão de forma explícita informações consideradas novas. As que, supostamente, já são de conhecimento do leitor são retomadas através de inferências.

Nesse caso, o leitor precisa de um conhecimento prévio sobre o assunto para que o conteúdo novo seja captado e quando o escritor não considera o conhecimento que o leitor já possui (ou não) a interpretação poderá ser prejudicada. Em alguns casos, o produtor do texto não explicita informações consideradas desnecessárias, pois julga que o interlocutor já as possui. É preciso, portanto, que seja feito um estudo do público-alvo para que o objetivo de um texto escrito seja atingido.

Um texto deve seguir o que o leitor “pede”, de forma que não é indicado usar termos considerados inadequados a um certo interlocutor, pois ele poderá não compreender por inteiro o assunto de que o autor trata. Isto é, na tarefa de escrita, não se pode desconsiderar, de maneira alguma, o que chamamos de conhecimento partilhado, através do qual se tornará possível ao leitor a realização de inferências a fim de que haja a produção de sentidos necessária à compreensão. Para entender melhor como isso ocorre, pensemos em algumas situações de interação.

Você falaria com sua mãe da mesma forma que falaria com o reitor de uma universidade? Os critérios utilizados na escolha das palavras seriam os mesmos? A linguagem usada em uma conversa informal com um professor seria a mesma utilizada na apresentação de um seminário desse mesmo professor? Da mesma forma que o discurso, o texto também deve se adequar ao *interlocutor*.

É preciso destacar ainda que não somente o leitor, mas a situação, o contexto e outros aspectos também direcionam a produção textual. Além disso, também o gênero é um aspecto relevante, pois ele nos “prescreve” o que pode ou não estar presente em determinado texto. Em artigos científicos, por exemplo, não é adequado o uso de gírias ou de uma linguagem menos formal.

Vista a importância da relação entre o autor e o *outro*, é necessário ainda lembrar que, ao final da escrita, aspectos da norma precisam ser considerados. Na própria interação, na verdade, já estão inscritas normas que dizem respeito ao registro, ao grau de formalidade e à forma como isso deve ser vazado na escrita.

Quanto mais canônico for o gênero e mais tensa for a situação de interlocução, maior deverá ser a obediência a normas que determinam como a interação deve funcionar. No caso de textos que circulam em situações de interação mais formais, a norma culta, por exemplo, deve ser seguida sob pena de o discurso não ser aceito pela

audiência. Sendo assim, em textos cujo grau de formalidade é mais alto, o escritor, por exemplo, permaneceria escrevendo de acordo com muitas as regras determinadas pela Gramática Normativa que são usadas na norma culta.

A partir do que foi discutido, é possível afirmar que nenhuma das três concepções apresentadas e discutidas aqui devem ser descartadas por inteiro, posto que cada uma delas apresenta suas contribuições para que se formule um conceito de escrita mais adequado ao que se entende por interação linguística atualmente.

Nesta aula, fizemos uma discussão sobre o processo e tarefa de escrita. Continuando nosso estudo, na próxima aula, vamos discutir duas perspectivas de revisão: a perspectiva do próprio autor do texto como revisor (revisor-autor) e a perspectiva do leitor como revisor (revisor-leitor), sendo este último o revisor profissional. Até lá.